

A Marinha brasileira na era dos encouraçados, 1895-1910¹

Eduardo Munhoz Svartman*

Até o outono da marinha veleira o Brasil podia ser considerado uma potência naval. O arsenal da Marinha e outros armadores empregavam madeiras e saberes há muito disponíveis para construir e manter grande variedade de navios. O avanço da Revolução Industrial trouxe o vapor e as estruturas metálicas; já a Revolta da Armada, no início da República, destroçou boa parte da Marinha brasileira, de modo que o seu poder naval no final do século XIX tornou-se uma sombra do que fora cinquenta anos antes. O livro do João Roberto Martins Filho investiga os caminhos, motivações e implicações do processo de modernização naval brasileiro, que, em meio à febre tecnológica dos encouraçados, procurou reposicionar a Marinha brasileira entre as potências mundiais.

A obra é resultado de ampla pesquisa em diferentes acervos no Brasil e na Inglaterra, país que recebeu as encomendas brasileiras, bem como de uma extensiva e enriquecedora revisão dos debates a respeito do impacto da tecnologia nas marinhas da virada do século XIX para o XX e das doutrinas navais da época. O estudo

chama atenção para o efeito desestabilizador sobre a política que os processos tecnológicos podem assumir. No caso, trata-se dos *dreadnoughts*, poderosos, modernos e caríssimos encouraçados que representaram uma ruptura tecnológica e estratégica. E o Brasil, imediatamente após o lançamento do primeiro navio da classe pela Marinha britânica, assumiu a compra de nada menos que três deles e de uma considerável frota de navios de menor porte. O impacto do programa naval de 1906 afetou seriamente as relações com a Argentina, cujas tensões acentuaram-se fortemente. Alterou o equilíbrio naval na região, uma vez que Argentina e Chile retomaram os gastos com suas Marinhas de guerra e também encomendaram *dreadnoughts*.

* Doutor em Ciência Política. Docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em História da UPF.

¹ MARTINS FILHO, João Roberto. *A Marinha Brasileira na era dos encouraçados, 1895-1910*. Tecnologia, Forças Armadas e política. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

Recebido em 8/11/2010 - Aprovado em 1º/12/2010
Publicado em agosto de 2011

Além disso, João Roberto assinala a importância da tecnologia importada na eclosão e no desenlace da Revolta dos Marinheiros de 1910, ocorrida poucos meses após a chegada dos encouraçados Minas Gerais e São Paulo à baía da Guanabara.

O primeiro capítulo realiza um diagnóstico da Marinha brasileira no final do século XIX, no qual a debilidade de meios e pessoal fica bastante clara. Contudo, sua principal contribuição é a recuperação do animado debate movido na imprensa nacional a respeito da modernização naval brasileira. A recepção da obra de Mahan, a percepção dos protagonistas do que se passava nos demais países, inclusive as chamadas “potências menores”, revelam a sintonia do debate doméstico com as diferentes doutrinas da época, mostrando que não era tributário apenas do debate naval britânico.

O segundo capítulo aborda os programas navais de 1904 e 1906 dos almirantes Julio César Noronha e Alexandrino de Alencar. Mais do que descrever os programas, suas contradições e controvérsias, o autor avança em relação à historiografia ao apontar o papel desempenhado pelos estaleiros e seus agentes, sobretudo na inflexão em favor da compra dos poderosos *dreadnoughts*. O papel dos estaleiros e do mercado de navios de guerra é desdobrado no capítulo seguinte, no qual é assinalada a importância das compras de países como o Brasil para a economia de escala da indústria naval das grandes potências e para a corrida armamentista do início do século XX.

O quarto capítulo analisa o impacto da encomenda dos encouraçados na política externa. De um lado havia a suspeita de que os “misteriosos” *dreadnoughts* brasileiros fossem vendidos a alguma das grandes potências ou que simplesmente o Brasil estivesse servindo de fachada, o que certamente romperia o delicado equilíbrio entre elas. Por outro lado, a simples divulgação da encomenda desestabilizou as relações de poder entre os países da região e gerou uma aguda crise com a Argentina. Havia ainda uma disputa entre a Inglaterra e a Alemanha por contratos militares com o Brasil, momento em que oficiais do Exército brasileiro começaram a estagiar nas forças do Kaiser e que se chegou a cogitar a contratação de uma missão militar alemã.

O último capítulo narra, inicialmente, a festiva chegada dos encouraçados ao Rio de Janeiro e sua calorosa recepção pela imprensa e pela população. Difundia-se a ideia de que um novo mundo de modernidade se descortinava à nação; no entanto, o autor assinala o abismo que se abria entre as modernas máquinas importadas e a precária formação de oficiais e praças da Marinha. O Brasil adquirira uma frota moderna, mas em nada investira no pessoal e pouco mudara os violentos métodos disciplinares a bordo. Chega a ser espantoso que em toda a obra só há referência a um único oficial da Marinha que, somente em 1910, tenha sido designado para estagiar na Marinha britânica. A revolta que eclodiu neste ano, por sua vez, é abordada pelo prisma do “peso dos símbolos”, no qual a imagem de modernidade, o poder

destrutivo e o custo dos navios teriam influenciado tanto a eclosão junto aos marinheiros quanto o seu desfecho com a anistia concedida pelo governo.

Como não poderia deixar de ser, a pesquisa de João Roberto suscita novas indagações ao tema, como, por exemplo, o impacto da renovação naval no Exército e nas relações entre as forças. Permanece ainda obscuro quantos, por quanto tempo e o que fizeram os marinheiros brasileiros que permaneceram na Inglaterra. Amparado em extensa pesquisa, o livro apresenta também algumas imagens do lançamento dos navios e dos anúncios dos estaleiros em revistas da época. A obra é redigida de forma concisa e direta, proporcionando agradável e instigante leitura.